



Magro de Aço e Pequeno Polegar: meio século de atuação no rádio-jornalismo esportivo no Piauí¹

Ana Clara Ribeiro²

Caio Bruno³

Gustavo Fortes Said⁴

Raquel Holanda⁵

Universidade Federal do Piauí

Resumo

Esse artigo tem por objetivo conhecer a história da dupla de Magro de Aço e Pequeno Polegar, responsável pela consolidação e a formação do rádio-jornalismo esportivo no Piauí. Para tanto, são narrados fatos que marcaram os 47 anos de carreira da dupla, desde a década de 60 até os dias de hoje. A investigação teve como fonte de dados depoimentos dos próprios radialistas pesquisados, de pessoas que também participaram dos mesmos acontecimentos junto com a dupla, além do material publicado em jornais e revistas onde foram documentados alguns desses acontecimentos. Acredita-se que este seja um trabalho de cunho sociocultural que contribui para a construção da história do rádio-jornalismo esportivo do Piauí.

Palavras-chave: rádio-jornalismo esportivo; Carlos Said; Dídimo de Castro, História do rádio

Introdução

Ser ícone do que faz é um mérito que poucos detêm. Na história do rádio-jornalismo esportivo piauiense, duas figuras se mostram exemplares, não só pelas atividades exercidas dentro do campo de atuação do esporte como também pelo fato de serem a dupla em atividade durante mais tempo na história do rádio-jornalismo esportivo brasileiro. Magro de Aço e Pequeno Polegar, nomes pelos quais passaram a ser conhecidos Carlos Said e Dídimo de Castro, respectivamente, atuam juntos há 47 anos.

Algumas peculiaridades cercam a história da dupla, começando pela diferença de idade de mais de uma década. Carlos Said já era rádio-jornalista há 18 anos quando se conheceram. Na ocasião, Dídimo era um estudante secundarista que desejava ingressar no rádio-jornalismo.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Ana Clara é graduanda em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente faz mobilidade de curso na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Recepção da mesma instituição.

³ Caio Bruno é graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Recepção da mesma instituição. Bolsista Pibic/UFPI no projeto História do Radiojornalismo Esportivo no Piauí.

⁴ Gustavo Fortes Said é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Recepção, cadastrado no CNPq e professor titular desde 1994 da UFPI. gsaid@uol.com.br

⁵ Raquel Holanda é especialista em Comunicação e Linguagens pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Recepção ambos da mesma instituição. raquel_rhr@hotmail.com



Mas o que faz a dupla permanecer junta por tanto tempo além da amizade? Uma das prováveis respostas, talvez, seja o amor ao rádio e ao esporte. Mesmo em épocas diferentes os dois sempre nutriram o sonho de atuar no jornalismo ao mesmo tempo em que pretendiam contribuir para a construção do esporte no Piauí. Ao longo de suas trajetórias, Carlos e Dídimo percorreram diferentes meios de comunicação, mas foi no rádio em que a dupla se consolidou e vivenciou o auge do esporte – entenda-se, futebol - no Estado.

Conhecer a história dessa dupla, a importância dela para a consolidação e a formação do rádio-jornalismo esportivo no Piauí é o que motivou o início da pesquisa, cujos resultados podem ser lidos neste artigo. Trata-se aqui de um pequeno esboço de alguns dos fatos que marcaram os 47 anos de carreira da dupla, suas atividades e presença no cenário esportivo desde a década de 60 até os dias de hoje, passando assim pelo declínio do rádio em meados dos anos 80 e 90. A investigação teve como fonte de dados os depoimentos gravados dos próprios jornalistas pesquisados, de pessoas que também participaram dos mesmos acontecimentos junto com a dupla, além do material publicado em jornais e revistas onde foram documentados alguns desses acontecimentos. Os autores do artigo também fizeram uso dos arquivos das rádios de Teresina, o que possibilitou a escuta das inúmeras transmissões feitas por ambos ao longo desses anos.

Acredita-se que este seja um trabalho de cunho sociocultural que contribui para a construção da história do rádio-jornalismo esportivo. Não obstante a inegável importância da atuação da dupla para o desenvolvimento da atividade jornalística no Estado, poucos são os registros escritos e, menos ainda, os textos científicos de cunho histórico publicados sobre tal assunto. É essa lacuna historiográfica que o presente trabalho pretende preencher.

1. Na trajetória de Magro de Aço e Pequeno Polegar

Domingo, 09 de março de 2009, às 16 horas. O rádio é ligado e o ritual inicia. Trata-se da transmissão de um jogo. A partida é River (PI) X Flamengo (PI), no Estádio Albertão, em Teresina. Logo nos primeiros minutos de transmissão, as propagandas introduzem a chamada do narrador. É o *Pequeno Polegar* que faz o anúncio do jogo que está por vir. Um clássico, o maior do futebol piauiense na atualidade.

Depois das primeiras considerações sobre as escalações dos times e do trio de arbitragem que comandará o jogo, *Pequeno Polegar* convoca o comentarista para tecer sua primeira impressão sobre a partida.



Críticas ferrenhas à partida de um modo geral e aos jogadores do River em particular são feitas por *Magro de Aço*, que há mais de seis décadas dá sua contribuição ao esporte piauiense. O favoritismo do Flamengo é o tema do seu comentário inicial, que também aborda a dificuldade do adversário em superar o rubro-negro.

É dada a largada dos 90 minutos do jogo. Dídimo narra com a tranquilidade própria dos seus 47 anos de experiência. Sua voz é típica de um bom radialista. Por várias vezes faz chamadas dos anunciantes, que não são poucos. Também convoca os repórteres que estão no campo para trazerem as informações quentes diretamente do gramado. E, ainda, há espaço para ditar os resultados dos principais jogos que acontecem simultaneamente em todo Brasil.

O comentarista alfineta durante toda a narração. Para ele o jogo é morno e assemelha-se a uma missa. Ainda tem tempo para explicar a má atuação do juiz, supondo que os trajes do mesmo (sob 39° de temperatura, usava uma camisa de mangas longas) o impediam de atuar plenamente.

Quem escuta o jogo pelo rádio considera o entrosamento dos dois algo incontestável. Afinal, este ritual é repetido há quase meio século. Para contar como essa afinidade inquestionável nasceu é necessário resgatar a trajetória de ambos.

1.1. O Magro de Aço

Como todo bom amante de futebol, Carlos Said começou sua vida esportiva jogando futebol ainda menino, ou melhor, “jogando bola”, como ele mesmo gosta de frisar. Filho de sírios radicados no Brasil, o garoto teve educação rígida, pautada no respeito à família e à figura do pai. Tal fato muitas vezes o impedia de “jogar bola” com seus colegas nas principais praças da cidade, uma vez que o pai achava que o filho deveria dar prioridade aos estudos e à assistência ao comércio da família.

O primeiro contato de Carlos Said com o rádio ocorreu quando tinha menos de dez anos. Na casa dos amigos da família, membros das famílias tradicionais de Teresina⁶, Carlos Said teve contato com o rádio e com alguns poucos noticiários esportivos e transmissões da época.

Já a sua primeira experiência jornalística foi no ano de 1944, quando tinha 13 anos, e aconteceu em um jornal impresso local chamado *Jornal do Piauí*. A imprensa da época se voltava exclusivamente para a política e a única divulgação de esporte – conquistada por Carlos através de muita insistência - consistia em colocar notas mínimas sobre os resultados



dos jogos nacionais da seguinte forma: “Flamengo 2, Botafogo 1, marcado por Fatiguê, Caiara e Diolindo”. Nas palavras do próprio Magro de Aço (2008a):

(...)eu respirava futebol, mas a cidade, o Estado e o Brasil respiravam a política. A política aqui era dura, incisiva, porque os dois grandes partidos políticos (UDN e PSD) se digladiavam, era questão de ter pancada, morte, tiros. Por isso só tinha dois jornais em Teresina, O Jornal do Piauí, do Governo (PSD), e o Jornal O Piauí, da oposição. E certo dia eu cheguei à sede do Jornal do Piauí, já comparecia ao futebol local, no campo da fiação, olhando, espiando, na tentativa de escrever. Quando cheguei ao jornal vi o professor Camillo Filho⁷, que já era meu professor no ginásio, falei com ele. Mas ele disse que no jornal não tinha espaço para comentarista de futebol. Implorei por um pequeno espaço, eu então com 12-13 anos. Então o professor disse que se eu quisesse mesmo, que escrevesse aos domingos apenas informando os jogos que iam acontecer, o resultado dos jogos passados e quem tinha feito os gols. E aí eu fui tomando gosto e furando, pedindo para escrever 5 linhas, 10-15 linhas e com o poder do convencimento eu inaugurei no Jornal do Piauí. (SAID, Carlos, 2008a).

Depois de sua primeira experiência nos jornais impressos, veio o contato decisivo com o rádio nas antigas amplificadoras instaladas nas principais praças da cidade de Teresina. Nas amplificadoras, o viés político praticamente dominava as programações e mais uma vez o insistente Carlos Said usava de seu caráter “furador” para inserir um tanto de esporte na programação local. Ainda na primeira metade da década de 40, Magro de Aço atuou nas amplificadoras Teresinense e Cidade Verde. No impresso, chefiou o Departamento de Esporte do Jornal do Piauí de 1943 a 1951.

A cidade foi se desenvolvendo, e, em 1948, Carlos Said começou a trabalhar na Rádio Difusora (pertencente ao grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand), que foi fundada em 13 de julho de 1946 e começou a operar de fato em meados de 1948. Era o início da Era do Rádio no Piauí; a mão de obra era escassa, os equipamentos insuficientes e o apoio, mínimo, mas mesmo assim Said estruturou o Departamento Esportivo da Rádio Difusora, fundou a primeira equipe de jornalismo do Piauí, chamada *Trindade Júnior*⁸ e assumiu a sua chefia nos anos 50. Lá ele apresentou os programas *Difusora nos Esportes*, *Futebol de Meia Tigela*⁹, *Pé na Bola* e ficou até o ano de 1962, data que se tornaria marco histórico pela

⁶ A casa do então governador do Estado do Piauí Dr. Leônidas Melo, que também era padrinho de Carlos Said, onde o mesmo tinha acesso ao rádio e aos veículos de comunicação impressa vindos de outros estados.

⁷ O professor Camillo Filho nasceu em Teresina, nos anos 20, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela então Faculdade Federal de Direito do Piauí e contribuiu na fundação da Universidade Federal do Piauí, além de ter destaque na atuação jurídica no Estado, assim como na educação e gestão administrativa a âmbito estadual.

⁸ Em 1955, a equipe esportiva Trindade Junior era constituída de Carlos Said, Pedro Mendes Ribeiro, Aranha Araújo, Ferdinand Paiva, Areolino Costa. Trindade Junior foi apresentador da Rádio Difusora e quando veio a falecer, Carlos Said fez uma homenagem nomeando a equipe.

⁹ Este programa era exibido dominicalmente das nove horas às nove e meia da manhã. Foi o primeiro humorístico veiculado nas ondas curtas no Estado do Piauí, suas temáticas giravam sempre em torno do futebol.



criação da Rádio Pioneira de Teresina¹⁰ e pelo primeiro encontro de Carlos Said com o jovem Dídimo de Castro.

1.2. O Pequeno Polegar

Dídimo de Castro nasceu em 16 de fevereiro de 1944 na cidade de Esperantina, no interior do Piauí, a 180 km da capital Teresina. Assim como Carlos Said, Dídimo desde cedo foi um inveterado por futebol e também adorava “jogar bola” com os amigos e parentes nos “campinhos” da cidade. Em meados de 50, Dídimo foi para Parnaíba, no litoral do Piauí, estudar no Colégio Nossa Senhora das Graças. Lá, mesmo sem perceber, teve sua primeira experiência como comentarista esportivo. Dídimo conta (2008) que começou a escrever comentários sobre os jogos do colégio e publicar numa espécie de “jornalzinho” no mural da escola:

Começou como uma coisa boba, eu via os jogos de futebol de salão dos meus companheiros e escrevia ainda na máquina de escrever comentários sobre os jogos, atuações e sobre os resultados também, claro. A coisa foi ficando até séria, porque eu publicava no mural da escola no dia seguinte e me lembro em que houve uma época em que todos esperavam mais os comentários pós-jogo do que o próprio jogo (CASTRO, 2008).

Após a temporada em Parnaíba, Dídimo veio para Teresina fazer teste de admissão do ginásio no Colégio Liceu Piauiense. Foi somente após a chegada na capital que ele teve seu primeiro contato com o radialismo e a transmissão esportiva.

Eu vim pra Teresina pra fazer o exame de admissão do ginásio, que hoje corresponde ao vestibular, para entrar no segundo grau. Eu vim pra cá, acho que em 58. E rádio mesmo eu só fui ter aqui, mas lá (Esperantina) eu já gostava muito de futebol. Desde de menino, garotinho eu já era viciado em jogar futebol. (CASTRO, 2008)

Em Teresina, Dídimo obteve um maior contato com ambiente futebolístico da época. A atmosfera crescente de incentivo ao esporte e, principalmente, ao rádio, fez com que o garoto procurasse outros meios que consolidassem a sua paixão pelo futebol.

Em 1962, Carlos Said gozava de certo prestígio no ambiente da crônica esportiva, afinal, já eram quase duas décadas de trabalho em prol do esporte. Dídimo de Castro, então com 17 anos, ouvinte fiel de Carlos Said, descobriu por meio de amigos que Carlos Said, além de ser jornalista esportivo, também ministrava aulas de História e Geografia no mesmo colégio em que estudava. Foi um passo para que Dídimo procurasse Carlos Said.

¹⁰ A rádio Pioneira de Teresina foi criada em 1962 pela Arquidiocese de Teresina, integrando-se ao Movimento de Educação



1.3 O encontro, a dupla

Foi numa tarde do mês de março de 1962. Como de costume, Carlos Said encontrava-se na sede da Rádio Difusora coordenando o setor esportivo da rádio, quando alguém bate na porta. Aparece um garoto baixinho e nitidamente nervoso. Sem saber o que fazer ele olha para todos os lados, se apresenta e revela ter 17 anos. Chama-se Dídimo de Castro. Carlos Said ainda não entende bem o que se passa, mas acha bastante engraçado aquele embaraço todo. É então que o diálogo que se segue é revelador. Dídimo rapidamente relata o quanto é amante de futebol e rádio e que por isso pretende ser narrador de futebol, logo, estava lá para pedir ajuda ao consagrado radialista, que tinha 18 anos como jornalista esportivo. Este fato não surpreende Carlos Said, uma vez que outros garotos da mesma faixa de idade de Dídimo haviam feito pedidos parecidos e Carlos Said tinha lhes concedido oportunidades de ingressar no meio. Porém, Dídimo conta também que seu maior desejo, acima de tudo, é trabalhar com o próprio Carlos Said (2009a). O pedido impressiona tanto o mestre que ele de imediato o acata, como ele próprio conta:

Bom, eu estava executando minhas tarefas na Rádio Difusora normalmente, quando me apareceu alguém, que não me lembro quem, dizendo havia um garoto querendo falar comigo. Fui lá e era o Dídimo. Ele estava meio tenso, se apresentou e logo disse o que estava desejando. Disse que ele poderia começar imediatamente, outras pessoas já haviam me procurado com o mesmo objetivo, mas o que mais me chamou atenção foi porque ele disse que queria trabalhar comigo, não só com rádio ou com esporte. Por isso, com o Dídimo foi diferente. (SAID, 2009a)

Dídimo de Castro era um ouvinte fiel de Carlos Said. Por conta própria resolveu procurá-lo para ampliar seus conhecimentos sobre futebol, já que o conhecia “de vista” dos corredores do Colégio Liceu Piauiense, além de ir constantemente aos estádios assistir aos jogos. Na época, os jovens costumavam se reunir para ouvir os programas esportivos em cafés espalhados pelo centro da cidade, como conta:

Eu fui atrás do Carlos Said por conta própria, mas por sugestão de dois amigos. Um é o Napoleão Pereira dos Santos e o outro José Caixeiro, e eu gostava de ouvir futebol com eles. Aqui dia de domingo, ao lado da praça Pedro II tinha um café chamado Café Tricampeão, e lá se reuniam os admiradores de esporte, pra discutir futebol, pra ouvir rádio do Rio de Janeiro, de Pernambuco, aqui de Teresina a gente ouvia o Carlos Said, e eu falando pra eles que tinha vontade de trabalhar em rádio, eles me deram a idéia: “- oh, você vai lá na Difusora e fala lá com Carlos Said”, e assim eu fiz. (CASTRO, 2008)



Dídimo passou então a integrar a equipe de esportes da Rádio Difusora a partir do dia que se apresentou a Carlos Said, e por mais inexperiente que pudesse parecer, seu início já se deu como comentarista de esportes, especialmente de futebol. Vale ressaltar que sua participação era como a de um aprendiz, que curioso e sagaz, foi conquistando a confiança do mestre:

Olha, o meu começo com o Carlos Said foi assim como uma figura do estagiário, e antigamente não existia oficialmente o estagiário. Então na época que eu tinha vontade de começar, o Carlos Said era da Rádio Difusora, ele era diretor de esportes da Rádio Difusora. (...) Eu já tinha um vício danado, lia muito o jornal O Globo as segundas-feiras, e o Jornal dos Esportes do Rio. Eu ouvia muito rádio, eu sempre ouvi rádio, dormia ouvindo rádio. Então eu fui ao Carlos Said e falei que eu gostaria de trabalhar, de começar. E ele me botou lá, pra trabalhar junto com ele na Rádio Difusora de Teresina. (DE CASTRO, 2008)

Em março de 1962, Carlos Said saiu da Rádio Difusora e foi ajudar na criação da Rádio Pioneira de Teresina, capitaneada por Dom Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Teresina. Dídimo permaneceu na Difusora por alguns meses em fase de “treinamento”, assim como outros noviços da profissão, Fernando Mendes e Carlos Dias, que conduziram a programação da Difusora até a chegada de novos contratados e o chamado oficial de Carlos no comando da Pioneira. Em outubro do mesmo ano todos estrearam no novo local de trabalho. Tratava-se do início do período de maior produtividade para o rádio e para o esporte piauiense.

2. Depois do encontro, quase cinco décadas de trabalho juntos

A atividade rádio-jornalística esportiva piauiense, como visto anteriormente, teve início no ano de 1948, na Rádio Difusora, época em que foram formadas as primeiras equipes do rádio-jornalismo e conseqüentemente foram estruturados os demais departamentos das emissoras.

O esporte era algo que movimentava toda a sociedade. Os times começavam a surgir em números cada vez maiores: o Flamengo do Piauí em oito de dezembro de 1937, o River Atlético Clube (antigo River Plate Clube), em primeiro de março de 1946, e o Sociedade Esportiva Tiradentes em trinta de junho de 1959, só para citar os mais famosos¹¹. Desta maneira, o esporte, em especial o futebol, foi sendo introduzido na sociedade piauiense e,

¹¹ Cabe aqui, enfatizar a participação de Carlos Said na fundação dos times de futebol da capital piauiense. O primeiro time do qual Said fez parte foi o River Atlético Clube em 1948. “O River saiu dos porões do Leão XIII, era nos porões que a estudantada trocava de roupas, calçava as chuteiras e de lá ía a pé, ou de Kombi para os campos jogar ou para o Lindolfo Monteiro”, relata o ex-goleiro riverino. Vestindo a camisa do time, o jornalista e também jogador foi campeão nos anos de



consequentemente, os veículos de comunicação tiveram que dar espaço ao assunto, já que era do anseio das pessoas acompanharem os jogos, resultados, enfim, todas as particularidades deste universo lúdico.

Nesse contexto se consolidava a atividade rádio-jornalística esportiva e surgia a equipe esportiva considerada por muitos como a melhor de todas as épocas, formada por: Carlos Said, Dídimo de Castro, Fernando Mendes, Ariovaldo Alencar, Carlos Dias e Valdir Araújo. O mentor da equipe, Said (2008b) salienta que todos os demais membros da equipe eram seus alunos:

Eu era professor de geografia, em 60. E lá os meus alunos: Fernando Mendes, Ariovaldo Alencar, Carlos Dias e Valdir Araújo, terceira série do ginásio do Liceu Piauiense. Eu e o Dídimo, nós estávamos na Difusora, março de 62 a setembro de 62, então eu levei toda a equipe de estudantes – todos os quatro – e com o Dídimo e eu mesmo formávamos a primeira equipe esportiva da Rádio Pioneira de Teresina. Essa equipe foi forjada a base da inteligência, do sacrifício, da impessoalidade e não havia dinheiro que galvanizasse estupidamente qualquer profissional da equipe, todo mundo se devotava com amor e gratidão pelo rádio. Depois houve a corporação do Galego Gomes de Oliveira e assim tocava-se o barco. (SAID, 2008b)

Anos depois, outros profissionais passaram a integrar a equipe, como Henri Nelson, Aluísio de Castro, Tomaz Texeira e Pedro Mendes Ribeiro. Dídimo de Castro completa: “e essa equipe é a que marcou época, é a que demorou mais tempo no rádio esportivo do Piauí. O Valdir faleceu, o Carlos Dias também faleceu, o Tomaz Texeira, Galego¹², Aluísio e Pedro Mendes deixaram” (CASTRO, 2008)

O grupo passou muito tempo atuando, fato que levou Galego, um de seus integrantes a nomeá-la de “o time que nunca perdeu”. Ele explica o motivo:

Porque a gente nunca perdeu a audiência, sempre foi o primeiro lugar. Narradores: Dídimo, Tomaz Texeira, Valdir Araújo. Repórter: Galego, Aluísio de Castro. Plantão esportivo: Carlos Dias. Comentários: Pedro Ribeiro e Carlos Said, só que o Carlos era o oficial’. (OLIVEIRA, 2008)

A consideração do público piauiense para com “o time que nunca perdeu” não vinha à toa. Muito suor, tempo e trabalho permeavam a atividade da equipe. Além de transmitir, comentar e fazer a cobertura no dia dos jogos, eles também produziam diversos programas no decorrer da semana. O tema principal era o esporte, claro, mas o modo como tais programas eram concebidos variava do programa humorístico ao crítico, por exemplo.

1952, 1954 e 1956. Carlos Said também acompanhou de perto a fundação do outro time de futebol teresinense, o Flamengo do Piauí, em 1937.

¹² O jornalista Gomes Oliveira ganhou fama pelo apelido de Galego.

O programa “A Marcha do Esporte” foi o mais importante deles, era realizado diariamente e fazia a linha noticiário esportivo. Os jornalistas apresentavam fatos sobre esportes na esfera nacional e regional. Sua peculiaridade consistia em ser iniciado com um comentário de Dídimo de Castro, “A Opinião de Dídimo de Castro”, e encerrado com outro comentário, intitulado “Ponta de Lança”, feito por Carlos Said. “A Marcha do Esporte” encerrou em 2007, depois de 45 anos em contato com os ouvintes de todo Piauí. O programa começou com o nome de “Flagrantes Esportivos”, sendo apresentado às 20h30, depois, com a mudança de nome, passou a ser apresentado às 18h30.

Outro interessante programa também surgido na mesma época foi “Conversando com o Torcedor”. Seguiu uma linhagem do estilo interativo, os ouvintes poderiam participar através de telefone dando sugestões, opiniões, críticas. Começava às 15 horas aos domingos, uma hora antes do jogo dominical, fato que estimulava a participação do torcedor. O programa ainda hoje está na ativa sob a tutela de Dídimo de Castro, muito embora não seja apresentado regularmente, uma vez que não há jogos todos os domingos.

Além desses dois, vários outros programas foram produzidos pela equipe esportiva da Rádio Pioneira: Viva o Esporte (iniciado em 1970 e encerrado em 2008), Alô Torcida Piauiense (com início em 1971), Marcação Cerrada (teve início em 1970 e fim em 1983).

Em meio à produção de programas, acompanhamento de atletas, transmissão de jogos, viagens, a dupla protagonizou muitas histórias pitorescas. Uma das histórias mais contadas e difundidas nas rodas de conversas teresinenses diz respeito a um jogo que eles transmitiram de Teresina como se estivessem em Belém do Pará. Foi uma “dublagem” de outra transmissão, essa, sim, diretamente de Belém. Deusdeth Nunes, o Garrincha, exímio contador de histórias sobre personagens teresinenses, relata o que sabe sobre o acontecido:

Esses dois rapazes já transmitam um jogo de Belém do Pará daqui de Teresina. Ouvindo a outra rádio, dublando. O problema foi só quando a rádio saiu do ar. Mas eles já aprontaram umas poucas e boas. (...) O Carlos Said é muito exagerado e isso faz parte do marketing. O Dídimo é mais calmo. É a dupla de maior respeito do futebol piauiense. (NUNES, 2008)

Embora as atividades esportivas no rádio piauiense nunca tenham acabado, a dupla Carlos Said e Dídimo de Castro por duas vezes ficou impedida de dar continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido, período que ambos chamam apenas de “hiato” e não uma separação propriamente dita.

Em 1964, Carlos Said sofreu um acidente automobilístico que o deixou durante quase todo o ano afastado do batente. Foi nesse episódio que Carlos Said recebeu o apelido de Magro de Aço. Quando se encontrava hospitalizado no Hospital Getúlio Vargas, Carlos Said



não pretendia parar suas atividades de forma alguma. Logo, passou, com o aval dos médicos, a fazer periódicas incursões nos programas da Rádio Pioneira via telefone durante os três meses em que ficou no hospital e os nove meses seguintes que ficara em casa, engessado e proibido de se movimentar em excesso. Dada a teimosia e a vontade de retornar ao trabalho, alguém do hospital resolveu apelidá-lo de Magro de Aço, como conta:

O hospital era cheio de pessoas amigas e alguém deve ter passado e deve ter dito: - esse aí se voltar a fazer tudo que fazia é porque é Magro de Aço. Eu não sei quem foi o autor dessa frase, mas eu sei que eu gostei bastante dela. E é fato que quem falou estava certo, eu confesso. E devo muito a essa pessoa. Daria a minha amizade eterna se descobrisse a pessoa que me colocou o apelido. (SAID, 2008a)

O apelido caiu tão bem que Carlos Said decidiu não ficar sozinho e também atribuiu um epíteto ao seu companheiro de trabalho Dídimo de Castro. A alcunha escolhida foi Pequeno Polegar, que pode ser explicada por dois motivos: a baixa estatura de Dídimo e as referências futebolísticas que estavam sempre presentes na vida de ambos (CASTRO, 2008)

(...) é porque eu sou assim baixinho, e na época que eu comecei lá com o Carlos Said, o Corinthians tinha um jogador chamado Luizinho e ele era bem baixinho, franzino. O apelido dele era Pequeno Polegar, então, Carlos Said inventou de botar em mim também. Foi a partir daí, desse apelido do Luizinho, do Corinthians (CASTRO, 2008)

Um ano após o acidente, quando Carlos Said já se encontrava inteiramente recuperado, teve início um “hiato” de dois anos entre a dupla, devido ao fato de Dídimo ter passado num concurso público do Banco do Nordeste e ter ido morar em Bezerros, no interior de Pernambuco. Esse período foi entre 1965 e 1967. Com a saída de Dídimo, Carlos Said saiu da Rádio Pioneira e retornou para a Rádio Difusora por causa de desentendimentos com a direção da Rádio Pioneira. Dídimo retornou a Teresina em 1967, através de uma transferência conseguida com muita luta, como ele mesmo gosta de frisar:

Eu nunca abandonei nem o esporte nem o rádio enquanto estive em Bezerros. Particpei de alguns jogos lá e conheci as pessoas que ficavam a cargo da transmissão. Depois de um tempo pensando na transferência, conheci um diretor do BNB em Fortaleza e assim nós conseguimos com que eu retornasse à Teresina. Mas, naquela época, eu nunca tirei a Rádio Pioneira da cabeça. (CASTRO, 2008)

Em Teresina, Dídimo retornou suas atividades de outrora e imediatamente procurou meios para trazer Carlos Said de volta à Rádio Pioneira. Para Carlos Said isso soou como uma ordem inquestionável, lembrada com humor: “O Dídimo me tirou da Rádio Difusora, me chamou imediatamente para voltar à Pioneira e eu logo aceitei”, conta Said satirizando como o companheiro o chamou para voltar à Pioneira.

Apesar desse considerável período de afastamento da dupla, o esporte continuou ativo na programação das rádios. Os jogos cada vez mais eram transmitidos, e com o advento da tecnologia foram sendo aperfeiçoadas as técnicas para as transmissões, fatores que muitas vezes terminaram por enfatizar o lado cômico e pitoresco das muitas histórias daquele ambiente esportivo.

Já as transmissões de jogos nacionais só aconteceram a partir dos anos 70. A primeira transmissão aconteceu mais precisamente em 1971, no jogo Brasil e Iugoslávia, no Maracanã. Carlos Said fala com saudosismo de transmissões como esta: “Ah que saudade! Jornalismo de batente, rádio e jornal naquele tempo... uma primazia nossa, da equipe e da dupla Dídimo de Castro e Magro de Aço” (SAID, 2007a)

Tratava-se de um trabalho que empolgava não só ouvintes, mas também os próprios radialistas, o que despertava certa rivalidade em alguns momentos. Said (2009a) afirma que não havia rivalidade entre os membros da equipe, apenas “uma discussão besta, banal às vezes. Mas isso é trivial. Inimizade, briga, aquele negócio de intriga, de vaidade, isso não”. Mas quando o assunto se estende para as emissoras existentes na cidade, o discurso de Carlos Said (ibid) muda:

Ah rapaz, era duro. Você tinha que caprichar, porque quanto mais você fazia bom e melhor, eles lá queriam fazer melhor e de mais qualidade ainda. E se brigava pelo Ibope, era uma guerra pra saber quem era o número 1, e a Pioneira sempre levava. (SAID, 2009a)

Garrincha (2008) também relembra as disputas entre as emissoras:

Tinha rivalidade. Tinha porque todo mundo quer dar a primeira notícia. O ouvinte só ficar com um rádio no ouvido. Mas, havia uma rivalidade muito grande. Principalmente entre a Difusora e a Pioneira. Era uma audiência saudável. Só teve um tempo, na década de 60, em que os operadores sabotavam a linha de transmissão rival. O cara ia lá e cortava o fio da outra rádio. O da Pioneira cortava o da Clube, o da Clube cortava o da Pioneira e por ai vai. Eles cortavam a linha e passava cola para ficar mais difícil de achar o corte. Ou colocavam uma cabeça de alfinete. Os chefes de equipe eram que comandavam as situações. E todo mundo fazia que não sabia. Sempre negavam. Mas era o tempo bom do rádio. A época dessa rivalidade. Foi o auge do esporte no rádio. A briga pela audiência. (NUNES, 2008)

A disputa por audiência apenas reafirmava o auge do esporte e, conseqüentemente, do rádio no Piauí. Na tentativa de tentar delimitar um possível tempo histórico para o apogeu fica claro que toda década de 70 foi a época de ouro para o esporte e rádio locais. Outros exemplos e fatos, além da audiência já citada, falam por si só: inauguração do Estádio Albertão em 73, a



trajetória da Sociedade Esportiva Tiradentes¹³, a ida do primeiro jornalista piauiense a uma Copa do Mundo (o jornalista Dídimo de Castro cobriu a Copa de 1970, no México) ou a inserção de um correspondente piauiense numa revista de circulação nacional¹⁴. Todos esses acontecimentos reafirmam a importância desta década para a consolidação das práticas jornalísticas e esportivas do Estado, práticas essas que seriam postas à prova na década de 80, com a concorrência das FMs.

3. Novos ventos, novos rumos, o trabalho continua

A partir dos anos 80, o avanço da tecnologia permitiu uma maior difusão das novas técnicas e aparelhos, possibilitando no Piauí o surgimento da Frequência Modulada (FM), que passa a ser bem mais interessante comercialmente, pela melhor qualidade de som e menos ruído, e pelo foco dado às programações, que exploravam principalmente músicas estrangeiras e nacionais destinadas a um público jovem com interesse voltado ao entretenimento e às notícias leves.

Em decorrência, a AM sofre certa desvalorização, o que faz a dupla Carlos Said e Dídimo de Castro, que outrora presenciou em estúdios e estádios tantas vitórias de audiência, relatar com decepção a falta de apoio ao rádio-jornalismo esportivo em AM e ao esporte, o que fez com que os ouvintes também deixassem de acompanhar a programação da rádio.

Até a época da inauguração do “Albertão” o futebol piauiense viveu um *boom* de incentivos, o que para *Magro de Aço e Pequeno Polegar* foi a sua “melhor fase”, principalmente pela maré de otimismo gerada pelo vitorioso Tiradentes. Mas foi com a decadência do próprio Tiradentes durante a década de 80 que se deu início um processo quase falimentar do rádio e do esporte no Estado. “(...) muita gente deixou também por causa da decadência do futebol. O futebol entrou numa decadência muito grande, aí muitas pessoas se desinteressaram”, esclarece Castro (2008).

Apesar de perdidos em meio à decadência do Tiradentes, eis que surge uma novidade para a sociedade piauiense e para a dupla tradicionalmente dedicada ao rádio. O esporte se faz necessário além das ondas do rádio e os dois iniciam sua trajetória também na TV local. Inaugurada em 1986, a TV Pioneira¹⁵ (hoje TV Cidade Verde) convidou de imediato o já

¹³ A Sociedade Esportiva Tiradentes foi o time de maior respaldo nacional do estado do Piauí. Conquistou os títulos piauienses nos anos de 1972, 1974, 1975, 1982 e 1990. Entre os times piauienses, foi o que alcançou melhor posição no Campeonato Brasileiro, atingiu a 19ª posição em 1973. Porém, o Tiradentes entrou para os anais de futebol brasileiro por ser protagonista da maior goleada da história do Campeonato Brasileiro, perdendo de 10 x 1 para o Corinthians em 1985.

¹⁴ Carlos Said foi convidado a ser correspondente da Revista Placar, da Editora Abril, a partir de 1970. A colaboração seguiu até o ano de 1990.

¹⁵ A TV Pioneira foi inaugurada em 1986. Em 1995, a emissora passou a ser chamada de TV Cidade Verde.

consagrado jornalista e diretor de esportes da Rádio Pioneira, Dídimo de Castro. O processo de surgimento das TVs no Piauí não foi muito diferente do restante do Brasil, que esteve sempre muito ligado aos profissionais do rádio, no princípio, os primeiros a trabalhar no novo veículo de comunicação.

Fatores pessoais também contribuíram para a diminuição da atividade da dupla no rádio-jornalismo esportivo. Em 1983, Carlos Said deu uma pausa nos seus trabalhos como jornalista. O cronista perdeu as cordas vocais no meio da narração de um jogo. “Eu estava gritando com antecedência um gol do Flamengo, 1 a 1, contra o Moto¹⁶, antes mesmo do narrador, Dídimo de Castro, quando minha voz falhou”, Said (2008a) relembra o episódio acontecido em 15 de novembro de 1983. Um ano antes, Carlos Said iniciava a colheita do reconhecimento de tanto trabalho, sendo premiado nacionalmente com o “Prêmio de Jornalismo Placar”, com uma matéria sobre as dificuldades do profissionalismo no esporte.

Embora Magro de Aço estivesse afastado do jornalismo diário, a dupla não foi esquecida pela sociedade. Em 1985, por exemplo, foi instituído o “*Troféu Carlos Said*”, por decreto do Prefeito Freitas Neto, com o intuito de valorizar profissionais e amadores do esporte piauiense. Com vinte e uma edições, o prêmio já chegou a homenagear 80 atletas num só ano, em 2007.

Aliás, se por um lado tanto o futebol quanto o rádio decaíam dos gostos da sociedade, os prêmios de reconhecimento foram sendo concebidos um após o outro. Carlos Said (2009b) diz em risos que não se lembra da quantidade de prêmios que ganhou: “Ah, eu nem me lembro o tanto de prêmios que eu ganhei. Nem os meus, nem os do Dídimo. Como melhor jornalista esportivo do Piauí, ganhei vários anos consecutivos. Como radialista também”. Dídimo de Castro, por exemplo, foi curiosamente homenageado dando seu nome a um ginásio (Ginásio Poliesportivo Dídimo de Castro) de esportes em sua cidade natal, Esperantina.

Nos anos 90, com Carlos Said já recuperado do incidente nas cordas vocais, Dídimo convida seu parceiro para ingressar na TV, como comentarista esportivo do seu programa. “Fui para a TV Pioneira a convite de Dídimo (de Castro), que queria dar continuidade à dupla que já trabalhava junta há mais de 30 anos”, conta Said. Hoje eles trabalham juntos no programa “Cidade Verde Esportes”, que é apresentado por Dídimo de Castro e tem o comentário de Carlos Said.

Apesar das dificuldades físicas e técnicas, em março de 2009 a dupla fez 47 anos de trabalho. Com quase meio século de vivência é possível sugerir que os dois são a dupla mais

¹⁶ O time Moto Clube é da cidade de São Luís.

duradoura ainda em atividade da história do rádio-jornalismo esportivo brasileiro. Pequeno Polegar, indagado sobre determinado feito afirma:

Muita gente nos admira aí pelo Brasil afora. A dupla mais antiga que se tem em atividade no rádio-esportivo brasileiro. Não há na comunicação esportiva nenhum fato igual, uma demora tão grande de dois narradores e comentaristas juntos. (CASTRO, 2008)

E Magro de Aço, com 78 anos, no auge de sua sabedoria, completa:

É por isso que muita gente fica de boca aberta. Tem nego que chegou a 35, 40. Mas 47, ali na batalha, não. Outra dupla só no sul do país. Pedro Luís e Mário Moraes, Valdir Amarante e João Saldanha também tem muito tempo, mas não sei contar os anos não. (SAID, 2009a)

Conclusão

A dupla *Magro de Aço e Pequeno Polegar*, certamente, faz parte da galeria de personagens que preenchem o imaginário social, tanto no âmbito futebolístico quanto jornalístico. Eles ajudaram na geração de grandes sucessos de audiência radiofônica, immortalizando nomes e figuras ligados ao cenário esportivo nacional e local. Para tanto, a forma mais honesta de certificar tal valor à sociedade teresinense é, sem dúvida, contribuindo na difusão das histórias de vida de cada um deles. Até mesmo porque ambos ainda não cessaram as atividades por completo, e também porque existem poucos documentos que relatem com precisão os 47 anos de trabalho.

É claro que uma história de praticamente meio século de duração não se conta em apenas um artigo de 15 páginas, mas foram explorados aqui alguns fatos relevantes da atividade da dupla. O contributo de Said e Castro ao desenvolvimento do esporte no Estado é inquestionável. Mas cabe a eles também o mérito e até o pioneirismo pela construção dos alicerces em que se fundaria a atividade radiofônica de cunho esportivo no Piauí.

Bibliografia

Livros

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernidade. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FREITAS, Denise. BRANDÃO, Lucy Ana. Carlos Said: o magro de aço d o esporte piauiense. In: SAID, Gustavo (org). Entre Rios – perfis e cenários de Teresina. Teresina: EDUFPI, 2003.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. História e Memória do Rádio Pioneira de Teresina. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2004.



Entrevistas

CASTRO, Dídimo. Entrevista cedida a Raquel Holanda em 09 de janeiro de 2007. Duração: 1 hora.

_____. Dídimo. Entrevista cedida a Caio Bruno e Ana Clara Ribeiro em 29 de setembro de 2008. Duração: 40 minutos.

_____. Entrevista cedida a Valtervi Passos no Programa Memória do Rádio, exibido na Rádio Antares AM, em 04 de abril de 2009. Duração: 35 minutos.

NUNES, Deusdeth. Entrevista cedida a Caio Bruno e Ana Clara Ribeiro em 07 de novembro de 2008. Duração: 40 minutos.

OLIVEIRA, Gomes. Entrevista cedida a Caio Bruno e Ana Clara Ribeiro em 20 de outubro de 2008. Duração: 40 minutos.

SAID, Carlos. Entrevista cedida a Raquel Holanda em 12 de setembro de 2006. Duração: 17 minutos.

_____. Entrevista cedida a Raquel Holanda em 09 de janeiro de 2007a. Duração: 1 hora.

_____. Entrevista cedida a Raquel Holanda em 21 de março de 2007b. Duração: 41 minutos.

_____. Entrevista cedida a Raquel Holanda em 04 de abril de 2008a. Duração: 38 minutos.

_____. Carlos. Entrevista cedida a Caio Bruno e Ana Clara Ribeiro em 26 de setembro de 2008b. Duração: 30 minutos.

_____. Entrevista cedida a Caio Bruno, Ana Clara Ribeiro, Conrado Filho e Raquel Holanda em 12 de janeiro de 2009a. Duração: 1 hora e 20 minutos.

_____. Entrevista cedida a Caio Bruno em 09 de março de 2009b. Duração: 30 minutos.